



"Ponte" (1958), Franz Weissmann; "Poltrona" (1954), Abraham Palatnik; e "Paisagem Atormentada" (1953), Antonio Bandeira

O Rio e os caminhos construtivos

Uma série de eventos ocorre hoje no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (Parque Ibirapuera): às 18h30, abertura da mostra "Rio: Vertente Construtiva", organizada por Frederico Moraes e já apresentada no Rio, como parte do "Ciclo de Exposições sobre Arte no Rio de Janeiro"; no mesmo horário, Ferreira Gullar lança "Etapas da Arte Contemporânea" (matéria abaixo), um texto escrito quando tinha 29 anos; e, às 19h30, Theo Wernick realiza uma performance envolvendo luz fluorescente, imagens e um grupo musical.

Organizada pelo crítico Frederico Moraes, a mostra "Rio: Vertente Construtiva" está dividida em três temas — "Neoconcretismo/1959-1961"; "Grupo Frente/1954-1958" e "I Exposição Nacional de Arte Abstrata, Hotel Quitandinha/1953" — abrangendo todo o percurso da abstração e geométrismo no Rio, da década de 50 à de 60, mais precisamente de 1953 a 1961. Ao todo, 97 obras, de esculturas, objetos, desenhos, gravuras e pinturas até poemas, livros e impressos que documentam esse período artístico. "A característica da mostra — observa

Frederico Moraes, que veio a São Paulo para acompanhar a montagem — é o caráter essencialmente didático e histórico. Todas as obras expostas são datadas, todas participaram nas mostras da época. Quando não foi possível conseguir uma obra de determinado artista, essa obra foi substituída por outra de época." Entre os que participam da mostra estão Lygia Clark, Amílcar de Castro, Aluísio Carvão, Lygia Pape, Franz Weissmann, Ivan Serpa, Ferreira Gullar, Theon Spanudis (concretos), Antonio Bandeira, Fayga Ostrower, Rossini Perez, Zélia Salgado (abstratos), incluindo guaches e pinturas de Hélio Oiticica.

Ferreira Gullar, no catálogo da mostra sobre arte neoconcreta, lembra que a decisão de fazer a primeira exposição e a redação do manifesto aconteceu em 1959, revelando uma tomada de consciência por parte dos integrantes do grupo, de que "as divergências com o concretismo encobriam algo mais que um modo diferente de encarar a arte não-figurativa geométrica, continha uma visão nova dessa linguagem (...). Os neoconcretos tiraram a pintura do espaço bidimensional e, levando-a para o es-

paço real (multidimensional), criaram formas abertas à participação do espectador; romperam os limites que separavam os gêneros (pintura? escultura? poesia?); usaram o manuseio do livro como ação formuladora do poema, corporificaram o poema em objeto (não-objeto) espacial e chegaram a levar o leitor a penetrar fisicamente no poema, como num ambiente ritual".

O Grupo Frente surgiu oficialmente em 1954, com a primeira exposição, na galeria do Instituto Brasileiro de Arte Moderna do Rio em 1952 e foi da primeira turma de alunos que saíram alguns dos artistas que compuseram depois o Frente. Um grupo que não surgiu do nada, explica Frederico Moraes. "Na verdade, ele se insere numa lógica da época, numa abertura mundial para a arte abstrata, tanto a de caráter informal como a geométrica, que buscava na arte uma espécie de linguagem universal, que superasse as barreiras regionais. O Brasil se abre novamente para a Europa e uma nova onda cosmopolita penetra a arte brasileira."

O surgimento do Grupo Frente, liderado por Serpa, foi provocado por alguns eventos, entre eles a mostra de arte abstrata realizada no Hotel Quitandinha, em Petrópolis, em 1953. "Apesar da orientação mais coesa, concretista, do grupo carioca — lembra Ferreira Gullar —, observamos agora que estávamos intrinsecamente abertos à participação, de qualquer grupo ou tendência." No livro de presenças, ao final da mostra, o registro de zombarias — "entenda quem quiser, porque eu não sou louco"; "o autor é digno de levar com o próprio quadro na cabeça" — e de elogios — "excelente exemplo de arte pura"; "é um verdadeiro arrojo apresentar uma arte destas".

Apresentada no ano passado na galeria de arte Banerj, em duas etapas — "Neoconcretismo" foi montada em setembro e as duas outras em novembro —, "Rio: Vertente Construtiva" foi reunida sob um único título para facilitar sua circulação por outras cidades. Do Rio, ela já foi vista em Belo Horizonte e em São Paulo fica até o dia 23 de junho.

A natureza e o homem nas obras de uma pintora

O vernissage da primeira individual de Elisa Tabacow Kauffmann acontece a partir das 21 horas de hoje, na Franulic Galeria de Arte (avenida Eusébio Matoso, 488). A exposição, que ficará aberta ao público até o dia 9 de junho, terá a renda integral da venda das obras revertida para a Pediatría Assistencial do Hospital Israelita Albert Einstein e a Creche da Urubes. Elisa, na verdade, só aceitou expor seus trabalhos com esse fim benéfico.

A artista está com 77 anos, mas desde tenra idade dedica-se à pintura. Estudou na Escola de Comércio Armando Álvares Penteado, mas nem chegou a ir buscar o seu diploma. O que pretendia era dedicar-se à pintura. Assim, pesquisou sucessivamente a aquarela, o guache e o óleo sobre tela. Mas sempre de maneira introvertida, sem nunca deixar o espaço de seu ateliê doméstico pelo frenesi das galerias. Jamais vendeu um quadro, porque esse não era o seu objetivo. Elisa pinta para si mesma, numa atitude de profundo recolhimento.

Para o artista plástico Franulic, que a auxiliou na seleção das obras para a mostra, uma constante em seus trabalhos é a floresta; o verde como cor dominante. Suas pinceladas e os tons que usa lembram muito Utrillo, Impressionista, solta, segura

e com muita noção de profundidade. Elisa Tabacow é, sem dúvida, uma das grandes pintoras brasileiras, oculta até agora... mas só até agora."

As cem obras, que agora saem do anonimato, percorrem de um certo modo toda a vida da artista. Franulic confessa que foi difícil convencê-la a mostrar publicamente as suas pinturas. Mas afirma que valeu à pena. "Apreciel seus belos trabalhos, que indicam claramente os momentos importantes de sua vida. E ela só concordou em realizar a exposição desde que a renda total revertesse em benefício de instituições de caridade por ela indicadas."

Elisa tem centenas de telas. Grande parte delas já doadas a instituições e amigos, e outras recobriram quase todas as paredes de seu apartamento. Poucos, portanto, têm tido acesso às suas pinturas, que hoje estão em harmonia com uma das preocupações primeiras do homem: a preservação da natureza. Por isso mesmo, cada vez mais os artistas se engajam nessa luta, que tem tomado espaço em todos os grandes salões de arte internacionais e tem sido tema das mais diferentes propostas, como vídeos, performance, instalações, interferências urbanas e, sempre, a pintura. Nas telas de Elisa, essa natureza convive, ainda, com uma outra inspiração: o homem.



Uma das telas da artista, dedicada ao tema natureza

Exposições

- PAULO SAYEG — Figuras humanas, animais e cenas domésticas, temas dotados de um certo lirismo, que podem ser vistos até o dia 15, na Pinacoteca do Estado, Arqueologia de Arte, rua Tumbez, 30. No total, mais de 50 aquarelas.
- LISSETTA LEVI — A "arte contemporânea alemã" é o tema da pintura que Lissetta Levi dará hoje, às 20h30, na Traço, Galeria de Arte, Alameda Marquês de Ruyter, 418.
- MOLIGA — Maria Olga Serpyal Bussolotti expõe 27 trabalhos de temas variados em óleo sobre tela, na Iruá Galeria de Arte, Agência São Paulo, Avenida Higienópolis, 462. Até o dia 14.
- RIO: VERTENTE CONSTRUTIVA — Arte abstrata-concreta da década de 50, com nomes como Lygia Clark, Ivan Serpa, Lygia Pape, Franz Weissmann, Antonio Bandeira, Fayga Ostrower e Hélio Oiticica, entre outros, pode ser vista no Museu de Arte Contemporânea, no Parque Ibirapuera. São 97 obras em pintura, escultura, desenho, gravura, livros e impressos. Até o dia 23.
- COPIAS — Juntamente com a mostra "Retornos do Averno", a Pinacoteca do Estado, Avenida Tancreto, 181, exibe algumas das obras de sua coleção.
- FEITO EM CASA, projeto descentralizado e apoiado pelo Museu de Arte de São Paulo, mostra agora uma exposição de peças em crochê — de uso pessoal e lúdico. Os trabalhos ficam em exposição até o dia 23 no Masp, Avenida Paulista, 1.378.
- SOLANGE E AQUILES — Solange Sandoval e Aquiles Conceição são os dois artistas que mostram seu trabalho na galeria da União Católica Brasileira, Rua Cel. Oscar Freire, 208. Preocupada com os rumos e as tendências, Solange focaliza o homem e seu cotidiano em aquarelas de tendências impressionistas. Aquiles Conceição, escultor, trabalha a madeira em obras abstratas.

Etapas da Arte Contemporânea



"Etapas da Arte Contemporânea" é uma coletânea de artigos que Ferreira Gullar escreveu entre 1959 e 1960.

Pequena história crítica do modernismo

RIO
AGÊNCIA ESTADO

"Etapas da Arte Contemporânea" é o título do mais recente livro de Ferreira Gullar, que será lançado hoje entre 18h30 e 20h30 com a presença do autor, no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, no Parque Ibirapuera, por ocasião da inauguração da mostra "Neoconcretismo (1959-1961)". Editado pela Nobel, reúne uma série de artigos do autor publicados entre 1959 e 1960, no extinto suplemento dominical do *Jornal do Brasil*.

Segundo Gullar, essa série de artigos constitui uma pequena história crítica da arte moderna no período compreendido entre o surgimento do cubismo (1907) e ano da deflagração do movimento neoconcreto no Rio de Janeiro, em 1959. "Seria mais propriamente uma revisão dos movimentos de vanguarda que teriam contribuído para a formação de uma nova visão plástica que veio desembocar na arte neoconcreta. E essa

revisão é feita a partir da perspectiva neoconcreta."

O livro estuda, assim, o cubismo, o futurismo, o neoplasticismo, o racionalismo, o suprematismo, o construtivismo russo, a Bauhaus; a arte concreta de Ulm e da Escola Superior da Forma, fundada por Max Bill, em Ulm, em 1951. Os artigos de Gullar desempenharam um papel pioneiro na divulgação de uma série de documentos ligados a essas escolas artísticas desconhecidas do público brasileiro, como também chamaram a atenção para a obra de alguns vanguardistas russos que tinham ficado à margem do interesse crítico. Artistas como Tatlin, Rodchenko ou Kisit realizaram obra pioneira, de quem os artistas neoconcretos, sem o saberem, tinham-se tornado continuadores.

"Esse estudo detalhado dos movimentos de vanguarda foi também um aprendizado para mim e a oportunidade de realizar uma reavaliação crítica do processo artístico. Foi em função dessa análise que coordenei

as observações que já fizera sobre esse processo e pude orientá-las para uma concepção crítica própria. E assim nasceu — juntando essas observações às experiências dos artistas neoconcretos — a teoria do não-objeto." O texto dessa teoria — que foi editado originalmente em 1959, num opusculo — é de difícil acesso para os artistas e o público. Ele está incluído no livro, bem como o texto do Manifesto Neoconcreto, lançado em março de 1959 e redigido por Gullar.

"Quando os militares invadiram minha casa, em 1965, um oficial do Exército descobriu a pasta onde esses artigos estavam reunidos, sob o título: "Do Cubismo à Arte Neoconcreta". Ele entendeu de aprender o livro. Expliquei-lhe que se tratava de simples artigos sobre pintura. Mas, não, acho que ele pensou que cubismo se tratasse de algo relacionado à Cuba. Foi graças a Aracy Amaral, diretora do MAC, que a editora Nobel contratou um pesquisador para resgatar os artigos.

PÚBLICOS? NOVAS TURMAS
de 2ª prova de Fiscal do IAPAS,
15/06 - Fone: 229-3000 (Alô 21 h.)

fale em público
com

CURSO DE
NUTRIÇÃO INFANTIL

O Estado de
S. Paulo
30/5/85